



MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins. **Comunitarismo, hibridização e alteridade na poética de Agostinho Neto.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 13, Julho 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

COMUNITARISMO, HIBRIDIZAÇÃO E ALTERIDADE NA POÉTICA DE AGOSTINHO NETO

Benjamin Abdala Junior¹

RESUMO

Análise do sentido político-social da trajetória poética de Agostinho Neto. Serão abordadas questões relativas à construção da alteridade, aos processos históricos que levam à hibridização, à atualidade das formulações do poeta em face da globalização e o sentido comunitário das articulações de sua poética.

PALAVRAS-CHAVE: Agostinho Neto, poesia engajada, comunitarismo cultural, hibridização e alteridade.

ABSTRACT

This essay is a social-political analysis of the poetic trajectory of Agostinho Neto. It will address issues relating to the construction of otherness, the historical processes that lead to hybridization, the current formulations of the poet in the face of globalization, and the communitarian sense that pervades the joints of his poetics.

KEYWORDS: Agostinho Neto, engaged poetry, cultural communitarianism, hybridization and otherness.

Introdução

Este texto articula-se com as perspectivas de valorização dos comunitarismos como forma de contraposição aos processos de standardização das corporações multinacionais, que procuramos relevar em *Fronteiras múltiplas, identidades plurais – um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural* (2002). É dessa perspectiva enunciativa, com os pés no Brasil e circulando os olhos pelos países ibero-afro-americanos, para parafrasear o caboverdiano Manuel Lopes, que faremos algumas considerações sobre a atualidade da poética de Agostinho Neto. Procuraremos assim descortinar, na práxis artística

1. Professor Titular da FFLCH da Universidade de São Paulo. E-mail: benjamin@usp.br.

do poeta, seu sentido político-cultural, recuperando o significado de seu gesto num mundo globalizado, em que são dominantes óticas neoliberais. É errôneo, já o afirmamos, designarmos “globalização a esse processo perverso. Globalização pressupõe reciprocidade, e esta não existe nas relações norte/sul. Ocorrem articulações globalizadoras apenas em nível das corporações, que embora sejam multinacionais não deixam de ter suas bases em territórios que consideram mais seguros. Mesmo em relação aos blocos econômicos, colocam-se situações de hegemonia” (2002, p. 28), que condicionam as assimetrias dos fluxos mercadológicos. Poderíamos designar essa nova etapa do processo de mundialização da economia capitalista de globalização neoliberal, própria de um capitalismo neosselvagem, como a rotulou Boaventura de Sousa Santos (2000).

É necessário ao pensamento crítico considerar essas novas formas de articulações supranacionais que – ao que parece – criam as condições para tornar mesmo os mais antigos e consolidados estados nacionais uma espécie de região, mais ou menos provinciana, se não atentarem para as novas formas de capitalismo, com ênfase na informação, que se impõem mundialmente. É nessa atmosfera de fluxos assimétricos que abordaremos alguns aspectos sobre o sentido político-cultural da obra poética de Agostinho Neto, apresentados na forma de tópicos.

1. Faz-se necessária uma primeira referência histórica que localizamos num ensaio de autoria de Fernando Mourão, em que ele apresenta o contexto político-cultural do poeta angolano:

Agostinho Neto [documenta o sociólogo brasileiro] apercebeu-se desde cedo do fenômeno da angolanidade, uma síntese para ele, e do papel do urbano – Luanda – além da propagação dessa síntese, embora de forma desigual, no plano de vários espaços, incluindo o espaço nacional. Em algumas trocas de ideias com Neto, a propósito desse tema, recordo-me que a sua noção de angolanidade emergia de uma síntese que ele, já como político, soube explorar. Creio que anos mais tarde ficou clara para o MPLA, na sua estratégia de assumir o poder, a importância do urbano no sentido de um espaço de síntese, na dupla feição de urbano propriamente dito e nas perspectivas das interações e correlações com outros espaços. (1989, p. 326-327).

Em seguida, Fernando Mourão aponta as ambiguidades que envolvem o conceito de síntese e as matizações políticas subjacentes. Destaca a atração pela modernidade dos centros urbanos, fato que levou Agostinho Neto, em *...Ainda o meu sonho...* (*Discursos sobre a cultura nacional*), ao fugir de perspectivas mecanicistas na abordagem dos fatos sociais, a destacar questões materiais e culturais,

além do fato de que essas questões “derivam das várias questões angolanas” (1980, p. 47) e que “nós [os angolanos] somos uma encruzilhada de civilizações, ambientes culturais e não podemos fugir a isso de maneira nenhuma, mas da mesma maneira que nós pretendemos manter a nossa personalidade política, também é preciso que nós mantenhamos nossa personalidade cultural” (p. 61) (Cf. MOURÃO, 1989, p. 327-328).

Quando se fala hoje das ambiguidades do conceito de síntese, procura-se fazer frente ao seu uso no sentido de uma mestiçagem unívoca, afim das óticas lusotropicalistas. A referência necessária, nesse sentido, é Gilberto Freyre, que, não obstante tivesse contribuído para a valorização dos negros e mestiços brasileiros, atenuou ideologicamente suas observações, porque as fez da janela da casa-grande. Veio dessa limitação sua aproximação do salazarismo, colaborando para o estabelecimento de um traço de união entre as oligarquias brasileiras do Nordeste do país e as afinadas com o colonialismo português. Formulou assim o discurso do “mundo que o português criou” – um ufanismo sentimental, sem qualquer respaldo histórico.

A atração pela modernidade foi importante para Neto e sua geração poética, sem que desconsiderasse a alteridade em favor de modelos sintéticos. Nos espaços de Luanda, havia não apenas dialogismo entre contributos culturais de várias partes do interior do país e de seu exterior, no horizonte da metrópole e sobretudo fora dele, mas também tensões. A mesclagem cultural, híbrida, contraditória, apontava para horizontes angolanos, sob uma visão popular. Uma voz contraditória de identificação, como no poema “Mussunda amigo”. Se de um lado a adesão de Mussunda salva o poeta do “abraço da jiboia” (o colonialismo), por outro ele se vê “escrevendo versos” que o amigo não entende (NETO, 1985, p. 79-81). A solução para a diferença de situações será os dois caminharem juntos, embalados nos mesmos ritmos musicais, símbolo da angolanidade, que os identifica.

Luanda, assim, vista da periferia, constituiria um multifacetado núcleo simbólico da Angola sonhada pela geração de Agostinho Neto – a geração do após-guerra, que se afirmou nos princípios da autodeterminação dos povos conclamada pela Carta das Nações Unidas. Era esse o espaço para a aproximação dos homens dispersos em várias etnias ou situações sociais. O desafio seria unificar esses homens, diríamos, sua vontade, num projeto libertário. É necessário que se entenda que a trajetória poética de Agostinho Neto registra, aos poucos, um processo de particularização: das amplas perspectivas dos “negros de todo mundo”, horizontes supranacionais em que o campo sêmico do negro abarcava por vezes o da condição proletária de todos os homens do mundo, mescla-se com a angolanidade, situada na imagem de Luanda. Mais precisamente, no descentramento de ótica dos poetas, no caráter híbrido dos musseques, a cidade africana. Os musseques não devem ser situados miticamente, através da generalização de seus espaços, apontou Fernando Mourão no ensaio referido. Como qualquer

forma artística ou de cultura material, acrescentamos nós, eles têm sua história e esta está ligada às fronteiras do asfalto (a cidade europeia) e às da terra batida, que, embora não deixasse de crescer pelas periferias, foi um espaço continuamente incorporado pelo primeiro.

É assim a imagem do espaço de Luanda, visto com adesão afetiva de uma ótica descentrada dos padrões metropolitanos. Embalava-a a perspectiva da modernização estritamente vinculada ao solo angolano. Seria por sobre os destroços da guerra libertadora (os caminhos “escabrosos” descortinados por Neto, que podem ser lidos em dois sentidos), que se construiria a nova Angola, descolonizada, tendo Luanda como símbolo dessa construção. De forma análoga, do lado brasileiro, para o nosso contraponto comunitário, a cidade de Salvador, mais de um século e meio depois da independência brasileira, continuava a seguir caminhos parecidos com os dos tempos coloniais, com os asfaltos afastando os bairros populares favelizados para os lugares mais distantes da praia. É essa também a imagem de Agostinho Neto em seu conto “Náusea”, escrito na década de 1950. Há uma diferença estética fundamental, entretanto, se confrontarmos a Salvador de Jorge Amado e a contrapusermos àquela do poeta angolano. Luanda, para Neto, é espaço de conflito e as interações que aí ocorrem são de ordem dialética, implicando conflitos de raízes. Em Jorge Amado, os conflitos têm resolução na carnavalização das formas, que estabelece convivência pacífica entre atores dilemáticos. Os papéis podem ser facilmente comutados entre eles, no faz de conta do mito da baianidade. Jorge Amado, ao lado de Gilberto Freyre, atualizam assim, em termos de ficção e de ensaio, os discursos ideológicos da cordialidade e da democracia racial originários do Segundo Império brasileiro.

2. Um segundo tópico relativo à poética é sua ênfase utópica, entendida na dialética da “esperança”. Registremos fragmentos de um poema paradigmático da afirmação do que poderíamos designar potencialidade subjetiva do poeta, que carrega a energia utópica, em seu desejo de transformação. O título do poema já explicita essa inclinação da vontade do poeta: “Aspiração”. Diz Agostinho Neto, na primeira estrofe desse texto:

Ainda o meu sonho dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas;

e, nas três estrofes finais:

Ainda o meu sonho
o meu grito

o meu braço
a sustentar o meu Querer

E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas. (1985, p. 68-69).

Os espaços da diáspora dos melancólicos “canto dolente” e “tristezas” transmudam-se em espaços de reivindicação na grande cidade simbólica da angolanidade. Observe-se que as palavras “Querer” e “Desejo” vêm grafadas em caixa alta. É a potencialidade subjetiva do sujeito poético a procurar dar voz contestatória aos homens dispersos, num espaço híbrido e conflituoso. As “consciências desesperadas” confluem, entremesclando-se, de maneira a dar forma e força política ao projeto libertário do poeta. Atingir essa dimensão da potencialidade subjetiva, contribuindo para embalar o projeto libertário, com os pés fincados no chão angolano, é o sonho do poeta. Um sonho diurno, traçado a partir das condições concretas do país. Um sonho diurno, sublinhamos, próprio da utopia concreta, estudada por Ernst Bloch em sua obra maior – *O princípio esperança*.

E a construção se faz através do diverso. Embora Neto tenha sempre se solidarizado com a causa dos oprimidos, pois simbolicamente são todos negros, ele releva a situação dos segundos. A forma literária de sua poesia e de sua geração se construiu numa perspectiva ibero-afro-americana, como já indicamos noutro texto². A referência inicial a se fazer para esse horizonte comunitário vem do importante caderno *Poesia negra de expressão portuguesa* (1953), coletânea poética organizada por Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade. Houve a preocupação dos organizadores dessa antologia impressa em Lisboa de imbricarem, nos poemas e nas reflexões teóricas do prefácio e do posfácio,

2. “Agostinho Neto e a poética subjacente ao caderno *Poesia negra de expressão portuguesa*. In: *A voz igual – ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989. p. 11-21.

perspectivas da vanguarda política com as da vanguarda literária. É na atmosfera dessa modernidade ativa que procedimentos que levam a articulações supranacionais confluem para os identificados com os africanos, de forma a construir um imaginário político de libertação nacional e social.

Essa determinação supranacional se fez em face de articulações comunitárias do movimento negro, mas as diferenças em relação ao seu deslocamento para outro contexto já se fazem sentir nos poetas e nos poemas escolhidos. Nicolás Guillén foi colocado na dedicatória da antologia como a “voz mais alta da negritude de expressão hispano-americana”. Na verdade, por sua práxis poética e política anterior, ele já se constituía o poeta-símbolo da cubanidade, mais do que da negritude. É surpreendente, entretanto, logo no início da antologia de língua portuguesa, a inserção de um poema seu, transcrito no original, em castelhano. E o poema não fala de negritude – o específico do negro –, mas de uma perspectiva mais ampla: a miscigenação étnica e cultural, com destaque para a condição proletária, que vem do discurso marxista. Afina-se, assim, com o seu campo intelectual, articulado com a atmosfera de uma espécie de frente popular antifascista, que se projeta de forma bastante enfática no pós-guerra marcado pela guerra fria e o macartismo.

De um ângulo histórico-cultural, como desenvolveu Pires Laranjeira em *A negritude africana de língua portuguesa*,

A Negritude traduziu **em código estético-ideológico e difundiu de modo difuso** (devido à censura, às dificuldades materiais de publicação, a uma produção textual escassa, etc.) as ideias doutrinárias pan-africanistas **de comunidade de herança e valores do negro, organização dessa herança cultural e sua metamorfose numa produção cultural moderna tendente a apoiar reivindicações de emancipação.** (1995, p. 498. Negrito do autor).

E, acrescentando, como estamos desenvolvendo, essa tomada de consciência da condição social do negro africano vai sendo cada vez mais friccionada pela perspectiva marxista que embalou o campo intelectual ibero-afro-americano. Ou, ainda, como aponta Pires Laranjeira, na sequência da observação acima, a poesia da Negritude mistura-se com repertórios provenientes de outras tendências culturais, como da literatura de ênfase social do Brasil e de Portugal.

3. Como terceiro ponto, focalizaremos a indústria cultural, que pode transformar em mercadoria a própria diferença. É assim, evidentemente, que ela contribui ideologicamente para administrar possíveis focos de tensão ou de contestação de seu sistema. A negritude e seus lamentos, que serviram

de base contextual para as rupturas da poética popular dos anos de 1950, não deixaram de fornecer matéria-prima simbólica para a indústria cultural. Veio dessa administração da diferença a afirmação supranacional da perspectiva de guetização, nos moldes étnicos dominantes nos EUA. Aliás, nesse país (abrindo-se um parêntese), tudo o que é étnico relaciona-se com o que é dos outros, aquilo que escapa das imagens míticas que os anglo-saxões fazem de si próprios. Estes não falam de si mesmos como portadores de uma beleza étnica, por exemplo. Para eles, os étnicos são os outros. São assim adjetivados os outros, nos sutis enclaves a eles destinados. Toda a mescla, para esse pensamento conservador, é bastarda. Não obstante esses limites, a administração da diferença (isto é, a transformação da diferença em mercadoria) foi importante para a tomada de consciência dos negros de todo o mundo. Agostinho Neto valeu-se dessa tradição poética para estabelecer – ele e sua geração – limites para os lamentos. Como diz o poeta, importava

Criar criar (...)
 paz sobre o choro das crianças
 paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato
 paz sobre o ódio
 criar
 criar paz com os olhos secos. (1985, p. 124).

A redução à atitude de lamento ou choro seria imagem que poderia apontar para o imobilismo político-social. Se, parafraseando o brasileiro Carlos Drummond de Andrade, havia uma pedra nos caminhos da vanguarda modernista de seu país, Agostinho Neto e a poética engajada do após-guerra, numa atmosfera de guerra fria, vai procurar quebrar essa pedra. Não há nesse gesto um sentido redutor, como pode ser verificado no poema “Um aniversário”, em que, numa dialética entre desconstrução e construção, dirá que

Nós com a certeza e com as incertezas dos instantes
 com o direito e enveredando os caminhos escabrosos
 nós os fortes fugindo como gazelas débeis. (1985, p. 77).

As reivindicações do negro africano foram vistas em suas imbricações sociais de ordem geral, para se evitar qualquer perspectiva de particularização étnica, que pudesse vir a conduzir à guetização (como ocorria nos EUA) ou à fragmentação dos estados nacionais africanos, de caráter multiétnico. O

horizonte dominante foi culturalmente híbrido, próprio da cidade moderna. É essa perspectiva que vai se firmar globalmente, se fizermos uma ponte com a atualidade, quando ocorre vertiginosa intensificação dos contatos culturais. Vários sistemas culturais se interpenetram, matizando sua natureza híbrida:

Nesta perspectiva – afirma Canclini – as nações se convertem em cenários multiterminados, onde diversos sistemas culturais se interpenetram e se cruzam. Só uma ciência social – para a qual se tornem visíveis a heterogeneidade, a coexistência de vários códigos simbólicos num mesmo grupo e até em um só sujeito, bem como os empréstimos e transações interculturais – será capaz de dizer algo significativo sobre os processos identificadores nesta época de globalização. Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas. (1995, p. 142).

4. Um quarto ponto que gostaria de destacar vem do fato de que Agostinho Neto procurou dar visibilidade à maneira de ser de seus povos, valendo-se sobretudo da metonímia, para situá-los como estrangeiros, como se estivessem exilados em seu próprio território. Para tanto, vale-se de mediações dos discursos filosóficos, políticos e culturais, como também do repertório literário dos países de língua portuguesa, em especial o Brasil, onde encontramos dicções poéticas que poderiam levar a João Cabral de Melo Neto, mas sobretudo a Manuel Bandeira. Por exemplo, “Passei a vida...”, poema de 1948, publicado na coletânea *A renúncia impossível* (1982, p. 33-36), registra:

Passei a vida a servir
os meus dias passei-os a chorar
no meu mundo meu inferno (p. 35).

Manuel Bandeira, em “Andorinha”, apresenta a seguinte observação existencial:

Andorinha lá fora está dizendo:
— “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa... (1967, p. 259).

O poeta angolano dialoga com o pernambucano para denunciar a falta de sentido de existências para as quais a vida é um “inferno”. Analogamente a uma andorinha, Bandeira, premido pela doença, lastima ter-se deixado ficar à margem da vida. Agostinho Neto vale-se desse contexto poético para sua ruptura, ao constatar paradoxalmente que sua dependência sócio-econômica e cultural pela imposição colonial é que constitui sua *hybris*. Assim, não obstante a homologia entre sua perda e a de Manuel Bandeira, há no caso de Neto uma determinação histórica que escapa ao livre-arbítrio individual. A alienação torna infernal e sem sentido a sua própria existência:

Os braços trabalhando
para um mundo alheio
os meus dedos musicando
para o mundo alheio (1982, p. 36).

A alienação estabelece-se “a golpes de cavalomarinho”, como se vê no longo poema “A renúncia impossível”, que dá título a essa coletânea poética (p. 81-96). É assim que o colonialismo desenvolve seu “trabalho civilizatório” e suas “cruzadas religiosas”, tentando apagar marcas negras, africanas e também marcas proletárias (a “pretidão do mundo que ultrapassa a própria cor da pele”, diria Tenreiro). Para dar visibilidade aos traços identitários angolanos, Neto serve-se do contexto do capitalismo ou do colonialismo que procuravam apagar traços físicos e culturais africanos e também os de origem popular, em geral. É de se relevar o subtítulo desse poema – “A negação”, o que reforça que a renúncia a tudo preconizada pelo poeta é efetivamente impossível. O discurso subjacente nega as afirmações pretensamente autodestrutivas visíveis em nível de enunciado:

Nunca houve negros! [diz o poeta]
A África foi construída só por vós
A América foi colonizada só por vós
A Europa não conhece civilizações africanas
Nunca houve beijos de negros sobre faces brancas
nem um negro foi linchado
nunca matastes pretos a golpes de cavalomarinho
para lhes possuídes as mulheres
nunca extorquistes propriedades a pretos
não tendes nunca tivestes filhos com sangue negro
ó racistas de desbragada lubricidade (p. 88).

A negatividade do poeta mostra-se, assim, estratégia discursiva de afirmação de uma profissão de fé poética e política. Ao acumular imagens pretensamente alienantes associadas ao mundo do trabalho de toda a natureza, relativas aos negros, denuncia o sem-sentido da tentativa de se apagar uma evidência histórica:

Não existe música negra
 Nunca houve batuques nas florestas do Congo
 Quem falou em spirituals?
 Os salões enchem-se e Debussy Strauss Korsakov
 que não há selvagens na terra
 Viva a civilização dos homens superiores
 sem manchas negroides a perturbar-lhe a estética!
 Viva! (p. 90).

Com desesperada ironia, o poeta observa a impossibilidade de apagamento de povos com grande visibilidade material, cultural e histórica. Ao negar o excessivamente visível, a estratégia discursiva gera ambiguidades que se manifestam numa acumulação despropositada de negações e denegações. Nega o que deseja ou precisa afirmar; denega por se sentir excluído ou ironia. E o efeito da negação é a afirmação das presenças histórica e cultural dos negros, alienadas ideologicamente pelos europeus, assim como estes também alienam os proletários em geral. Do ponto de vista musical, os lamentos e denegações explodem em ritmo de *blues* e a melancolia destes em mordaz ironia. Repete-se assim uma das características básicas da poesia de Agostinho Neto, de valer-se de uma poética anteriormente melancólica ou sem um horizonte definido, para imprimir-lhe um sentido político, seja em relação à música dos negros norte-americanos, seja em relação a certas produções do modernismo brasileiro, tal como em Manuel Bandeira.

5. Passo, agora, ao último tópico desta exposição. Nos versos iniciais de “A renúncia impossível”, há uma espécie de ambiguidade física e existencial manifestando-se em paradoxos construídos pelo deslizamento do significante:

Não creio em mim
 Não existo
 Não quero eu não quero ser (p. 83).

É de se observar as possibilidades de leitura deste último verso: “Não quero/eu não quero ser” ou “Não quero eu/não quero ser” ou ainda “Não quero eu não quero/ser”. Na denegação afirma-se um aparente antilegado político, uma dura e suicida antilira, em que o corpo poético se entrega à impossibilidade de resistir à alienação da minoria branca. Nem luta, nem resistência política ou utopia em nível do enunciado, pois não há esperança nem futuro nesse nível superficial da comunicação, fato que se confirmará nos versos finais do poema:

Atingi o Zero
 Cheguei à hora do início do mundo
 E resolvi não existir
 Cheguei ao Zero-Espaço
 ao Nada-Tempo
 ao Eu coincidente com vós-Tudo (p. 95-96).

A total perda da alteridade negra do enunciado termina assim, na verdade, por configurar uma estratégia enunciativa reversa, irônica e afirmativa da *persona* do poeta (o sujeito da enunciação), que denuncia e propõe o inverso do enunciado. Na condição do homem negro atualiza-se assim uma ponte comunicativa entre uma poética da tomada de consciência de sua condição específica e aquela da poética subsequente de Agostinho Neto em que suas carências estarão vinculadas à situação do proletário. Não se perderá nesse processo as marcas características das culturas africanas, afirmando-se um modelo de pensamento em que a particularidade será vista na sua diferença, como em “A renúncia impossível”, e também em suas conexões com uma predicação mais universal – a “pretidão do mundo que ultrapassa a própria cor da pele”, como em Tenreiro.

É um procedimento similar de deslocamento metonímico capaz de levar o leitor crítico a ver no proletariado de Luanda as marcas populares de Angola. Trata-se de pensar o mundo, assim, com os pés num lócus enunciativo que parte de um território, sem que a mirada se esgote em fronteiras circunscritas. Na verdade, esse lócus, como em Luanda, já é heterogêneo em sua composição de partida, por mais que haja cartazes e letreiros alienantes, indicando “*colour lines*”, já que a evidência colocada pelo próprio poema é de que há “fregueses negros”³ em todas as partes. Não há linhas capazes de estabelecer guetizações definitivas.

Na heterogeneidade da vida, que se alimenta das produções culturais, contrariamente às perspectivas essencialistas, não há linhas nítidas de separação entre brancos e negros. Efetivamente, todos

3. Citações da p. 87.

somos híbridos, não há culturas puras. As culturas são construções históricas e o essencialismo constitui mitologias para justificar ideologicamente diferenças, que podem implicar a exclusão do outro. Como no poema “Mussunda amigo”, somos vários de partida. Diferenças epidérmicas e marcações fenotípicas não justificam assimetrias alienadoras, nem a recuperação nostálgica de mitologias, pois a evidência histórica é de que todas as culturas foram marcadas pelo contato. São híbridas. Desconsiderar esses traços de uma alteridade imbricada por traços em fricção de origens múltiplas e seu sentido histórico é ter uma visão reduzida de nós próprios. Somos muitos e contraditórios, seja em nossa individualidade ou coletivamente.

Artigo recebido: 08/02/2013

Artigo aceito: 13/05/2013

Referências

ABDALA JUNIOR. “Agostinho Neto e a poética subjacente ao caderno *Poesia negra de expressão portuguesa*”. In: *A voz igual – ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989. p. 11-21.

_____. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais – um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002. (Série Livre Pensar, n. 13).

BANDEIRA, Manuel. “Andorinha”. *Libertinagem. Obra completa: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

CANCLINI, Héctor Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

BLOCH, Ernst. *Le principe espérance*. Tome I, II, III. Paris: Gallimard, 1976, 1982, 1992.

LARANJEIRA, Pires. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

MOURÃO, Fernando. “O contexto histórico-cultural da criação literária de Agostinho Neto”. In: *A voz igual: ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida e Angolê – Artes e Letras, 1989. p. 327-328.

NETO, Agostinho. ... *Ainda o meu sonho... (Discursos sobre a cultura nacional)*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

_____. *Náusea*. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *A renúncia impossível*. Luanda: INALD, 1982.

_____. *Sagrada esperança*. 9. ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.